

Ideias e críticas

EuCorpoCadáverVivo:
da escrita como performance e dos
poderes do corpo estesiológico

Marinalva Nicácio de Moura

Professora do Instituto Federal de Educação e Ciência do
Rio Grande do Norte - IFRN

Antenor Ferreira Correa

Universidade de Brasília

Resumo

Neste ensaio, enlaçamo-nos na cartografia visual da performance *Rhythm 0* de Marina Abramovic para despertar a sensação de onipresença do corpo como potência expressiva de modo a performar em escrita uma maneira de viver a obra. Lançamos mão da ontologia do corpo de Merleau-Ponty (2000) para embasar a ideia do ato performático como possibilidade criativa e filosófica. Inspiramo-nos nas noções de estesiologia (Merleau-Ponty, 2004, 2005) e de emersiologia (Andrieu, 2014) para fazer emergir os poderes do corpo disparados por *corpositivos*: imagens, textos e vídeos da performance de Marina Abramovic. Assim, oferecemos um exercício de escrita como performance cujos desdobramentos propõem a criação de horizontes simbólicos, estéticos e ontológicos do corpo no “entremundo” e oferecem uma percepção de presença do leitor na obra artística.

Palavras-chave: Escrita performática, Corpo estesiológico, Onipresença, Emersiologia, *Rhythm 0*.

Abstract

In this essay, we engage in the visual cartography of Marina Abramovic's Rhythm 0 performance to awaken the feeling of body omnipresence as an expressive power in order to perform in words a way to revive the work. We used Merleau-Ponty (2000) ontology of the body as a basis for the idea of performative act as creative and philosophic possibilities. We were inspired by Merleau-Ponty's notions of esthesiology (2004, 2005) and emersiology (Andrieu, 2014) to bring out the body's powers triggered by body devices: images, texts, and videos of Marina Abramovic's performance. In this way, we offer an exercise of performative writing whose developments purpose the creation of symbolic, aesthetic and ontological perspectives of the body "in between", so offering to the reader a perception of presence in the work of art.

Keywords: Performative writing, Esthesiological body, Omnipresence, Emersiology, *Rhythm 0*.

Introdução: EuCorpoCadáverVivo

Hall de entrada

Estamos em 1974, em um pequeno estúdio em Nápoles, na Itália, é noite e Eu-MarinaAbramovic realizarei a performance *Rhythm 0*.

Caro EuLeitor antes de iniciar a performance, são necessários alguns avisos:

Primeiro, gostaria de dizer que esta EuEscritaPerformativa é um exercício de imersão em uma obra performática com o objetivo de realizar o diálogo entre filosofia e performance. Para que isto ocorra, EuNós estamos empenhados em realizar uma filosofia performativa que habita o sensível e que pensa o EuCorpo no mundo. Desejamos que essa filosofia performativa seja capaz de criar uma linguagem que expresse as sensações do EuCorpo em performance.

Segundo, nessa EuEscritaPerformativa lançamos mão da ontologia do corpo de EuMerleau-Ponty (2000, 2004, 2005) para vivermos uma ontologia do corpo estesiológico (o corpo que se move e cujo o movimento significa perceber) e da intercorporeidade como noções que circunscrevem a experiência vivida, a expressão e a expressividade da vida. EuNós tomamos de empréstimos essas noções e mergulhamos em corpositivos (nomeamos de corpositivos os dispositivos imersivos como as imagens, os textos e os vídeos) da performance *Rhythm 0* que em breve realizaremos. Mergulhamos na vida em performance e esperamos que ela faça emergir os poderes do corpo estesiológico disparados por corpositivos e pelas noções de EuAutoresFilósofos que nos afetam.

Terceiro, nosso mergulho é inspirado na noção de emersiologia proposta por EuBernardAndrieu (2014), sendo esta um afundar-se em busca de um modo poético de escrita que dê conta das experiências do corpo, visto que, é preciso dar-se em vertigem, mergulhar no corpo e revelar a cartografia de nossas paisagens internas, ao mesmo tempo em que se criam novos esquemas corporais de empatia e relação com o mundo.

Quarto aviso: assim como quando entramos numa sala de espetáculo de teatro desligamos os celulares, antes de entramos na sala da performance vamos também desligar as normas acadêmicas. EuNós acreditamos que o fluxo da EuEscritaPerformativa ganhará outra liberdade da palavra-gesto com essas

normas desligadas ou, ao menos, colocadas em suspenso. Contudo, para aqueles que não se contiverem e sentirem necessidade de quebrar o fluxo da performance para consultar uma fonte de entrelaçamento do Eu com os corpositivos (autores, imagens, textos e vídeos), sugerimos que o façam quando sentirem necessidade, pois reservamos algumas pausas intencionais que podem ser favoráveis à essa pesquisa. Desse modo, não hesitem em sair da *sala da performance* e se dirijam ao final do corredor do estúdio, lá encontrarão duas salas: a *sala das considerações finais* (onde são expostas algumas reflexões sobre as noções que nos afetam) e a *sala das referências* (onde se podem consultar os corpositivos citados).

Quinto e último aviso: não seja apressado, viva a performance.

Pausa.

Sala da performance

EuAlguém do estúdio informa que a performance vai começar e nos convida a entrar na sala... Ao entrar nessa pequena sala, EuMesma vejo vários quadros na parede. É uma sala bem iluminada e encontro EuMarina em pé, completamente imóvel, vestida com roupas cotidianas... até sua respiração é quase imperceptível. EuMarina estou tão imóvel que pareço inanimada, poderia até dizer que estou mais para um EuObjeto. Observando de perto, não pareço pessoa viva, pareço não querer ser entre os vivos desta sala, mas sim, ser entre os tantos objetos. Pareço estar no entre: entre vida e morte, entre animado e inanimado, entre artista e espectador e até entre objeto e abjeto...



Figura 1: Objetos disponíveis aos presentes. Fonte: Marina Abramovic tumblr

Ao lado, uma pequena mesa, onde EuMesma vejo 72 EuObjetos (Figura 1), itens diversos, entre eles: flores, perfume, comida, vinho, penas, panos de seda, água... Mas também: facas, correntes, pistola carregada, uma lâmina de barbear...

Ao lado de EuMarina está presente um recado com instruções que EuMesma traduzi da seguinte maneira:

“Há 72 objetos na mesa, que podem ser usados em mim como desejado.

Performance.

Eu sou o objeto.

Durante esse período, eu assumo total responsabilidade.

Duração: 6 horas (20h - 2h)”

Pausa.

Os EuObjetos estão divididos em dois grupos. Um chamado de “objetos de prazer”, o outro de “objetos de destruição”. A seleção prazerosa contém EuObjetos ditos inofensivos: como as penas, as flores, as uvas, o perfume, o vinho e um pedaço de pão. Os EuObjetos da seleção destrutivos incluem: as facas, as tesouras, uma barra de ferro, lâminas de barbear, espinhos, e uma pistola carregada com uma bala, por exemplo. Existe também um EuFotógrafo a registrar em imagens tudo o que acontece.

Impactada pela situação, EuMesma e EuOutros ainda não nos aproximamos. Mas, EuAlguns já estão lá mexendo nos EuObjetos. EuMesma não me aproximei porquê, de início, não estou sabendo lidar direito com a situação, fico olhando EuMarina, EuObjetos, circulando o EuEspaço, estou impactada pela situação e não sei exatamente o que é para fazer, por isso só observo...

EuMesma e alguns EuOutros estamos controlando nossa impulsão de começo, de devir... até que, EuAlguém toma a iniciativa e começa a usar os EuObjetos no EuCorpo de EuMarina (Figura 2). Então, EuOutros, motivados por EuAlguém, partem para a ação... EuMesma, entro no jogo proposto, vou até a mesa e pego a pena... Estou a observar que de início todos estamos escolhendo os EuObjetos de prazer, e com eles começamos a fazer carinho alisando o EuCorpo, tocando de forma leve, suave... nossa escolha tem sido a pena, o pano de seda, as pétalas das flores...



Figura 2: Início do uso de objetos no corpo de Marina Abramovic. Fonte: Marina Abramovic tumblr

Pausa.

Agora mesmo um de EuNós, pode até ter sido EuMesma, não sei ao certo afirmar, deu a ideia de mudar EuMarina de posição. Estamos em plena discussão se devemos ou não a colocar em outra posição. Um EuGrupo maior decide que vamos colocá-la em pé... e já estamos mexendo no EuCorpo, retirando-o da mesa e pondo-o na vertical... EuMesma e outras EuMulheres estamos receosas e preocupadas se vão machucar ou deixar EuMarina cair... Uma de EuNós acabou de dizer:

— Ei, isso aí pode machucar!

Mas não, não nos dão ouvido, então uma de EuNósMulheres acaba de

assumir que vai segurar o EuCorpo e botá-lo em pé... Está lá agora, segurando nas costas de EuMarina. Então, EuOutro teve a ideia de prender suas mãos com uma corrente, e outro, EuOutro levantou seu braço.

E assim, os Eus seguimos manipulando EuMarina como uma boneca articulada, uma sem vida, usando os EuObjetos para explorar como podemos o

EuCorpo. Uma sensação estranha ocorre, parece que, ao mesmo tempo que tocamos, também somos tocados. Isso me lembra o que EuMerlaeu-Ponty falou sobre o fato de a percepção ocorrer como na reversibilidade dos corpos e não como espetáculo perceptivo, no qual há uma mera descrição de algo observado. Na reversibilidade existe é a experiência desse algo. Dito de outro modo, esse algo é vivenciado.

Opá! Um EuAlguém acabou de me dizer que viu um EuOutro tocar o EuCorpo de EuMarina intimamente, mas EuMesma não percebi, estava ocupada com minhas lembranças. EuOutros também dizem que não viram, talvez porque cada um dos Eus estamos ocupados em desempenhar nossa própria ação, e não reparamos na ação dos EuOutros, a não ser quando nos suscita vontade de fazer aquilo também, como potência de criação que invade o corpo como um estado febril, quase impossível de controlar.

Pausa.

As horas se passam e assim seguimos levando o EuCorpo de um lado para outro. Um sendo movido pela ação do outro. Agora, EuMesma, estou com vontade de fazer o que aquela EuMulher está fazendo, aquela ali, a do lado, de bolsa preta e sobretudo, essa mesma, que enfia uma faca no meio das pernas de EuMarina. Lembro agora dos estudos sobre a natureza de EuMerleau-Ponty, onde retoma a animalidade do corpo apontando para o mimetismo como um modo de aprender, mimese corpórea, relação interna de semelhanças a provocarem em mim o desejo do outro. Somos corpos associados e não animais separados. Somos um “entre” onde se manifesta uma interanimalidade, uma intercorporeidade. O ser está nessa relação perceptiva, não é mais aquele que só observa passivamente o espetáculo da percepção...

Nossa! Agora que reparei que, de uma maneira quase imperceptível, assim mesmo, de uma hora para outra, muitos de EuNós estamos usando os EuObjetos de destruição para ferir o EuCorpo de EuMarina. Acho que ninguém reparou quem ou quando começou o uso desses objetos, foi bem assim... de uma hora para a outra mesmo... como a mão que toca as coisas e não percebe... como o ar que entra pela narina e ninguém percebe... como o som que invade o ouvido e ninguém percebe... como a vida que pulsa no sangue que corre nas veias e ninguém percebe... como as imagens que suscitam o olhar e ninguém percebe. Tudo se passa no mundo da vida, da sensação e do gesto.

Vejo que EuAlguém, agora está usando a lâmina de barbear para fazer um corte no pescoço, e que uma EuMulher está usando os espinhos da rosa para arranhar a barriga do EuCorpo. Agora me dei conta que o ocorrido e o vivenciado são da “ordem da imanência”. O poder da vida pela própria vida, da maneira como foi colocada por EuFoucault e EuDeleuze. O poder da vida mesma, nua e crua, a vida potente. A própria vida. A vida beata diria EuAgamben, a vida dedicada à vida, expressando todo seu poder de ser corpo pelo próprio corpo. O corpo como um ser bruto, selvagem, diria EuMerleau-Ponty. Ser que estabelece uma relação original como o desejo, o ser da criação, aquele que não se

reduz ao organismo biológico ou social, mas o ser que é atravessado pela estesiologia, pelas sensações e pela motricidade.

Poderia também dizer que é o que EuAgamben chama de a vida nua, vida potência de vontade, um “ágio”, o livre uso do próprio, um lugar vazio onde cada um pode mover-se, onde se é múltiplo lugar e é singularidade em si. EuDeleuze também nominou essa vida, chamou de Corpo Sem Órgãos, esse estado do corpo antes da representação orgânica, um corpo pleno de intensidades, limiares e níveis, livre de interpretação, imagem e representação.

Pausa.

Passada quase três horas, já manipulamos o EuCorpo de várias formas, como se fosse um corpo de laboratório mesmo, estamos a explorar nossa capacidade de usar esses objetos e fazemos isso com pouco pudor. Estamos a violar e usar a pele como lugar de uma escrita selvagem, a pele cheia de rabiscos que impregnam o eu e o outro, pelo corpo e no corpo, uma escrita que não obedece às regras, às formas, o verbo, a gramática, as normas... escrita indelével, marcada pela força. Uma escrita violenta que é também uma ação violenta. Escrita do desejo, a ponto de romper, rasgar o espaço, abrir a roupa para ser manifesta. Escrita que suspende nossos pudores, pudor de riscar o corpo com letra, pudor da norma, pudor do corpo nu, pudor. A linguagem do corpo mesmo sendo manifesta em palavras que rasgam o corpo como as facas ou outros tantos EuObjetos ali presentes, sejam estes do grupo de prazer ou do grupo destrutivos.

Estamos a abrir, a suspender as roupas para escrever no corpo e quantos mais escrevemos, mais desejamos violentar esse corpo com a escrita. Uma escrita do Corpo sem Órgão ao modo proposto por EuDeleuze como um pensamento no deserto, uma escrita que mutila seus traços, escrita monstruosa: não mais caminhos, não mais objetivo, porém, errância, errância de um fantasma – ataque irremediável ao corpo, no corpo e pelo próprio corpo (Figura 4).

Agora um EuAlguémDesejante nos arrebatou e começamos a cortar a roupa de EuMarina. Um EuNósColetivo nos invade e estamos todos a dilacerar esses trapos de roupas que ainda restam... Ao mesmo tempo, como abutres que avançam em um animal morto, avançamos nos trapos de roupas e os dilaceramos... Os trapos são devorados, destruídos, arrancados com tanta violência que o EuCorpo tomba de um lado para outro, a ponto de quase o cair no chão, o EuCorpo é sacudido.

Pausa.



Figura 3: A ousadia do uso dos objetos.

Fonte: Marina Abramovic tumblr

Temos então, um EuCorpoNu e nenhum pudor em explorá-lo ou usá-lo da maneira que nos convém e que nos dê prazer... Aquele EuCorpo que vejo ali sendo explorado, ou até mesmo, este EuCorpo que exploro de maneira violenta, é um EuCorpoColetivo, e, desprezando nossos pudores de julgamento, fazemos o que queremos com ele. Digo, pois, que construímos para nós um EuCorpoCadáverVivo e estamos mesmo a experimentar os poderes do corpo...

— E daí?

O EuCorpoCadáverVivo de EuMarina é um EuObjeto que “não importa”, é mesmo um EuAbjeto. Pode ser: tocado, cortado, rasgado, sacudido, invadido, sem que venham a reclamar, pois estamos A-U-T-O-R-I-Z-A-D-O-S... Aqui nesse estúdio nos sentimos EuDeus, EuCientistas, EuMédicos, EuLoucos, EuPoetas, EuArtista... Quanto mais violamos o corpo, mais poderosos nos sentimos, tão poderosos a ponto de EuAlguém pegar a pistola carregada com uma bala e colocar na mão de EuMarina, levar a mão com a pistola para a cabeça, como EuMarina fosse disparar a pistola na própria cabeça, como se fosse cometer suicídio... Mas, de súbito, EuAlguém, como se ainda lhe restasse um pouco de empatia, impede o ato e retira a pistola da mão de EuMarina...

Uma vontade de tudo nos invade.

Uma vontade do corpo nos invade.

Uma vontade de vida nos invade.

Uma vontade do poder nos invade.

Uma vontade nos invade.

Pausa.

Esta última pausa deu início a uma reflexão sobre o paradoxo, sobre o controverso, sobre o quando é arte e quando não é arte, sobre o risco de se viver, sobre o risco de colocar-se em performance, sobre o risco da vida performance, sobre o risco de ser corpo em performance...

Performance como arte violenta, como a mais arriscadas das artes, pois em nenhum momento nega a necessidade do outro ou nega a vida. Diria EuZumthor a performance é o único modo vivo de comunicação poética. Necessita do “vivo”, da presença, da participação. Participação a maneira descrita por EuGroys como dissolução do indivíduo na obra. Performance como apropriação do corpo no espaço, como modo da arte de se fazer no entre, entre artista e espectador, entre obra e criador, entre escritor e leitor, como vida... Retornemos a vida.

Alguns de EuNós estamos a sussurrar palavras no ouvido do EuCorpo:

— Está gostando?

— Sabia que seu corpo é lindo?

— Gostosa!

— Está com medo?

— Você é uma puta!

— É isso que estava desejando quando resolveu chamar isso de arte?

— Você não tem medo de morrer?

— Você está me deixando excitado, sabia!

— Sabia que eu posso te matar?

Mas EuMarina permanece imóvel, parece que está a me desafiar, está a querer descobrir até que ponto EuNós podemos ir, o que podemos fazer... E, isso parece nos provocar, nos excitar cada vez mais.

Pausa.

De súbito vem um pensamento sobre o biopoder. Penso que, ao mesmo tempo em que flertamos com o biopoder, mantemos também um romance com as formas tradicionais de poder. Flertamos com o biopoder pois, assim como os cientistas que tem o poder da regulação do corpo, o domínio em manipular o corpo, nós temos o controle do vivo em nossas experimentações com o EuCorpo. Somos todos grandes cientistas e temos o poder de manipular esse EuCorpo. Este pequeno estúdio em Nápoles é nosso laboratório, nele manipulamos o corpo pelas leis de controle, exercemos o poder e a regulação da vida por meios de EuObjetos de tecnologias de controle e subjugação dos corpos que nós mesmos criamos, para isso precisamos do EuCorpoVivo e o



Figura 4: intimidade exposta. Fonte: Marina Abramovic
tumblr

que nos excita é ter o controle da vida em nossas mãos. Ao mesmo tempo, penso que mantemos um romance com o modelo tradicional de poder, queremos punir o corpo, ameaçamos de morte. Julgando e condenando EuMarina por se colocar nesta condição, por nos dar o poder de torná-la cadáver, queremos que pague com a sua própria vida:

— Para isso, precisamos do EuCorpoVivo, e o que nos excita é ter o controle da vida em nossas mãos.

— Precisamos do EuCorpoVivo, e o que nos excita é ter o controle da vida em nossas mãos.

— O que nos excita é ter o controle da vida em nossas mãos.

Pausa.

Passada as quatro horas não nos preocupamos mais com o EuCorpoVivo. Manipulamos o EuCorpo como quem manipula uma boneca, ou até mesmo um cadáver. Não nos preocupamos com o quê o EuCorpo agredido fisicamente e psicologicamente está a sentir. O EuCorpoCadáverVivo é violado, intimidado e violentado física e psicologicamente por um EuNósColetivo. Então um furor de liberdade/libertinagem está a nos invadir:

— Cadê Deus para nos impedir?

Não, não consigo me controlar, reajo de uma forma animalesca. Nunca este furor esteve a invadir meu corpo, são desejos inesperáveis, não só o meu como o de todos nós aqui nessa sala. Ninguém aqui se preocupa com o outro. Na verdade, o outro me realiza, e ele se realiza em mim. Ele é um Eu que consegue coisas que ainda não cometi, mas que poderia fazer ou que já estou a fazer ou que deixei de fazer a pouco. Pouco importava o que o outro está a pensar vendo-me fazer isso que estou a fazer com esse EuCorpoCadáverVivo, pois ele também está lá preocupado com sua individuação, com a sua excitação, com a sua expressão, com a sua performance, com a sua presentificação, parece que somos um único corpo...

Pausa.

Chegamos às seis horas de performance, e após essas seis horas, de fato EuMarina não passo de um objeto entre tantos outros presentes nesta sala e nossa relação é o que constituí essa obra de arte. Agora existe aqui uma espécie que não é possível separar pelo dualismo, que não é possível distinguir criador de criatura, artista de espectador, obra de artista. Essa espécie que somos nós, um EuCorpoColetivo, diria EuMerleau-Ponty em seus cursos sobre a Natureza: ser entre; esquema corporal por incorporação; corpo estendido as coisas do mundo...

Alguma coisa mudou neste instante, sinto que o fluxo da performance é cesado. EuAlguém do estúdio que não estava aqui conosco entra e informa que já se passaram as seis horas e isto significa que EuMarina deixa de ser um EuObjeto... Então, o EuCorpoMarina ganha vida e está andando pelo espaço segurando as fotos feitas a pouco pelo EuFotógrafo que estava aqui a registrar tudo e EuMesma nem percebi. O EuCorpoMarina mostra as fotos com imagens do que acabamos de fazer nessas seis horas... EuCorpoMarina está encarando EuMesma, EuOutros e EuNós, resistimos a esse olhar, estamos a fugir desse olhar, ele nos afeta e podemos por empatia sentir suas dores... Um por um estamos a sair da sala como se estivesse com pressa para ir a algum lugar e cada um de EuNós esboça um ar de que nada de estranho houve, que nada de estranho fez, que nada de diferente ocorreu durante aquele tempo e naquele espaço que passamos juntos. Talvez o fato de nos afastarmos da realidade, de suspendermos o que chamamos de realidade, provoque essa sensação de alívio, de catarse, de leveza e, ousado dizer, uma sensação de liberdade. Aproveitemos a liberdade...

Extasiado, deixando a sala da performance

De certo, esta vida que acabamos de estabelecer em performance *Rhythm 0* é controversa. É paradoxal. Mas é também sensível, pois na medida que me deu poder, me tirou do lugar comum de apreciador de obra e me colocou como criador. Eu senti a performance. Eu vivi um jogo dos poderes do corpo em afe-

tar e ser afetado. Um jogo de poder sobre a vida. Essa vida do corpo vivo me faz retomar o pensamento de EuEspinosa presente nas meditações sobre os poderes do corpo, na *Ética III*, recordo-me do seguinte trecho: Ninguém, na verdade, determinou o que pode o corpo, isto é, a experiência não ensinou a ninguém, até o presente, o que, considerando apenas o corporal pelas leis da Natureza, o corpo pode e não pode fazer... É certo que a experiência ainda não nos ensinou tudo que pode o corpo, mas é certo também que ela nos ensina que o corpo pode muito e que é ético considerar a vida na criação artística.

Pausa.

Agora, é madrugada, saindo da sala da performance do estúdio em Nápoles, sento em um banco no hall de entrada, vejo todos que ainda estão por ali e sigo refletindo sobre essa experiência, tenho lapsos de memória de algumas coisas feitas em performance. Penso em escrever sobre ela, mas não uma escrita convencional, mas sim uma escrita performática de algo que se manifesta, algo que ocorre no EuCorpoEstesiológico e que trate desse encontro com a obra de EuMarina. Escrita como experiência sensível de um fazer-dizer que é ação e gesto, uma EuEscritaPerformativa que trate desse encontro com a arte, mas também um encontro com as noções de autores que me atravessam, para que todo conceito, ideia ou noção tenha vida e seja capaz de suscitar uma partilha. Um compartilhamento do sensível da maneira colocada por EuRancière, ao tratá-la como ação estética e política. Partilha como sistema de evidências sensíveis que revelam, ao mesmo tempo, a existência de um comum e dos recortes que nele definem lugares e partes respectivas, que fixam, portanto; e, ao mesmo tempo, um comum partilhado de partes exclusivas. Partilha que faço da minha individuação coletivização. Partilha que dê conta desse ato mesmo que acabamos de viver: partilhando ação, lugar, espaço e tempo, expressando como o comum se presta à participação com outros e como os outros tomam-se parte do que compartilhamos.

Uma EuEscritaPerformativa que busque dar contar dessa experiência do EuCorpo em onipresença, explorando a sensação de estar em vários lugares e o contato com o sensível. Um sensível que é violento, que te arrebatava, te descontrola mesmo, uma colisão com o sensível a maneira descrita por EuLins: um afogar-se no sensível em vez de coabitá-lo. Uma lua-de-mel com o sensível. Um “entrar em núpcias com o sensível”. O EuCorpoOnipresente em encontros indeterminados que podem se abrir para os afetos. Uma EuEscritaPerformativa de um ser selvagem, do EuCorpo como potência do conhecimento, onde se localizam os meus poderes sinestésicos e a minha inerência com o mundo, à maneira descrita por EuMerleau-Ponty: como um modo de ser no mundo que se propõe a nós de um ponto no espaço e que nosso corpo retoma e assume, se for capaz. Se o EuCorpo for capaz, nessa escrita buscar-se-á que a sensação da leitura seja literalmente uma comunhão, um acontecimento, uma relação de possíveis e impossíveis, de visíveis e invisíveis, de tocante e tocado, de sentiente e sensível, de presença e ausência.

Uma EuEscritaPerformativa que se deixa afetar por imagens, vídeos, sons e textos como dispositivos de imersão, ou melhor dizendo, corpositivos: espécies de aparições, fantasmas que nos suscitam relação. Como as imagens eletrônicas que EuBrea se refere e atribui a qualidade de fantasmas, de espectral, de efêmera e de transitória. Uma escrita do EuCorpoOnipresente é, portanto, ubíqua, na medida que é tempo em curso. Do mesmo modo, o lugar é relação: existe no entremundo e para um ser entre. A escrita performativa será então um fluxo que sobrevive nas camadas do tempo e dos lugares capaz de provocar sensações da ordem da onipresença. Escrita que, por intencionalidade, liga os estados perceptivos aos momentos e aos acontecimentos pulsantes do corpo. Uma escrita que expresse a intencionalidade, da maneira posta por EuMerleau-Ponty, como uma transição que, como sujeito carnal, efetua de uma fase à outra. Essa transição sempre é possível para mim, por princípio, porque sou esse animal de percepções e movimentos que se chamam corpo. O EuCorpo como animal de percepções e movimentos realiza entrelaçamentos com carne do mundo e expressa a escrita performativa.

Talvez uma escrita emersiva resultante da imersão no EuCorpoVivo. A emersiologia proposta por EuAndrieu motiva-me a imergir, mergulhar, afundar-me no sensível para deixar emergir dessa interioridade os sentimentos mais profundos para realizar a escrita poética que dê conta do mergulho no vivo... A imersão no EuCorpoVivo invade inteiramente a sensibilidade sem que o EuSujeito consiga ser extraído pela reflexão. Assim, emergirá a EuEscritaPermativa que expressa o sentir mesmo e deixa transbordar na consciência do EuCorpoVivido os quadros estesiológicos até então não sentidos.

Uma EuEscritaPerformativa que realize a co-presença entre o autor e o leitor, que considere a noção de escritura de EuBarthes: escritura quer ser um código total que comporte suas próprias forças de destruição, um lugar onde a multiplicidade se reúne, o lugar onde se inscrevem, sem que se perca a unidade do texto, não mais na sua origem, mas no seu destino. Escritura que se faz no e pelo EuCorpo, que produz uma linguagem sensível e que é um entrelaçamento selvagem que só significa a partir da experiência do outro. A EuEscritaPerformativa exercitará a visualidade da estesia do corpo em palavras, em verbo construídos, palavras interligadas, esquizofrenia do “Eu” que resulta em Eus entrelaçados. A EuEscritaPerformativa se mostrará como a vida em seu curso, a vida em devir e explorará os poderes de corpo, ampliando sua capacidade sensível de afetar e ser afetado.

O EuSensível dará conta da EuEscritaPerformativa, pois ele se constitui como um poder do EuCorpo. O EuSensível explorará a transubstanciação da obra de EuMarina se deixando afetar pelos corpositivos, sentindo a onipresença, a ubiquidade corpórea e o despertar de corpos associados pela empatia... viverá o sentir mesmo do EuCorpoEstesiológico... A intercorporeidade se manifestará no EuSensível, pois ele sente com o outro e, mediado por corpositivos tecnológicos (imagens, textos e vídeos da performance), faz emergir na cartografia

do visível o imaginário da composição de cenários, das reinvenções de relações corpóreas e dos entrelaçamentos das palavras surgidas na performance da carne da obra de arte. O EuSensível alargará os sentidos do de tempo e de espaço, pois ao alargar os poderes sensitivos e perceptivos do EuCorpo está presente em todo lugar ao mesmo tempo. O EuSensível sentir-se-á naquele outro lugar, mas ao mesmo tempo também se sente aqui e pode se sentir acolá. O EuSensível será uma fusão das minhas pertencas em estesia corporal.

Pausa.

Penso que durante estas seis horas que passamos juntos vivendo a performance *Rhythm 0*, fizemos o que podíamos com o EuCorpoCadáverVivo, muitas coisas imaginadas não foram realizadas. Fico lembrando da euforia com que realizamos de tudo ainda a pouco naquela pequena sala da performance e percebo que nesse tempo passado juntos construímos uma pequena sociedade controversa: bárbara em certos atos e comedidas em outros. Penso que ao mesmo tempo em que exercíamos o poder da morte, também cultivávamos o poder da vida – somos corpo e temos o poder da vida. Uma paixão pelo poder nos invadiu, um desejo pela coisa mesma, um desejo de afetar e ser afetado, de dominar e ser dominado, um desejo de poder. EuFoucault diria:

— Não se apaixonem pelo poder!

Pausa final.

Sala das considerações finais

Este pequeno estúdio em Nápoles ainda tem duas salas disponíveis para visita caso seja do seu interesse caro leitor, estamos abrindo a porta da sala das considerações finais. Nessa sala estão expostas algumas reflexões sobre as noções de emersiologia, intercorporeidade, onipresença e corpo estesiológico, e contamos como elas dão a criar a escrita performativa – fique à vontade para visitá-la.

No livro “Dar-se em Vertigem: as artes imersivas”, Andrieu (2014) aborda a imersão experiencial, ou seja, a experiência que faz com que percamos nossas referências, sejam estas mediadas por técnicas de privação e de estimulação sensoriais ou de situações inéditas, invasivas ou não (tais como a vertigem sentida na velocidade, no consumo de droga, nos surtos, nos orgasmos), e também nas artes imersivas (como as atividades circenses, a dança e a yoga). Para o autor: “O sentimento de sua própria identidade torna-se precário quando na vertigem dado o desenvolvimento em si de uma sensação invasiva face ao controle consciente da sensibilidade. A perda de controle atinge o cérebro a ponto de perturbar a consciência e mergulhar o sujeito em seu corpo” (ANDRIEU apud NÓBREGA, 2014, p.402). Ao entramos em contato com os corporativos da obra de Marina Abramovic exercitamos essa imersão experiencial de entrar em vertigem e perder a identidade, mergulhamos em nosso corpo e deixamos emergir os sentimentos em escrita performativa.

Na filosofia de Bernard Andrieu há a aproximação da noção de emersiolgia da noção de intercorporeidade. O autor propõe o contexto de uma ecologia do corpo que dá ênfase à relação direta do corpo no mundo, na qual a consciência e a linguagem racional não ocupam o lugar central nessa reflexão. Nóbrega (2014, p.403) esclarece que a interação é dinamizada na imersão, colocando-se o corpo em uma situação de plasticidade na qual ele poderá ou não atualizar potenciais endógenos e criar novos dispositivos neuronais e existenciais. Assim, operamos a imersão e deixamos que a transubstanciação no outro faça emergir a plasticidade do corpo em linguagem. Para isso, entrelaçamos as palavras, fazendo surgir uma nova palavra objetivando dar conta dessa experiência. Desse modo, operamos o entrelaçamos do Eu com outrem, com objetos e com temas que nos afetam, criando os termos EuCorpo, EuAutores, EuObjetos, EuEscrita, entre outros.

Na filosofia do corpo de Andrieu (2014) existe uma inversão do tema corpo, visto que o autor abandona o corpo vivido e investe no corpo vivo. Para ele o corpo vivo se imerge nos espaços, inserindo-se inteiramente em lugares sem que uma personalidade dirija conscientemente seus movimentos. Tal afirmação toma como referência os estudos atuais sobre o cérebro que explicam existir um atraso entre o momento em que algo ocorre no corpo e essa sensação possa chegar a níveis de consciência:

Há um atraso antes que advenha a nossa consciência sensorial, um atraso variável entre 350 e 500 mil segundos... A percepção consciente efetiva para mim ocorre 500ms após o que foi ativado em mim. Eu estou em atraso sobre o que se passa em meu corpo vivo... Esse atraso nos tentamos diminuir por técnicas e práticas corporais, diminuindo-se a atenção e a vigilância usando drogas, corpos, álcool. Assim, acreditamos poder comunicar diretamente pela linguagem corporal o que é ativo em nós (ANDRIEU, 2014, p.3).

A noção de intercorporeidade é um dos conceitos apresentados por Andrieu para apoiar sua tese do corpo vivo, pois trata da dimensão inconsciente que nos religa ao corpo e ao mundo mais diretamente. A noção de intercorporeidade, cuja inspiração vem da obra de Merleau-Ponty, é pensada aqui para explorar as profundidades do corpo no relato em primeira pessoa, destacando o risco de se sentir (ressentir), se dar à vertigem, mergulhar nas sensações (NÓBREGA, 2014, p. 403).

A noção de intercorporeidade aparece nos esboços sobre o corpo e a natureza nos cursos proferidos no *Collège de France*. Merleau-Ponty valia-se da ideia de intercorporeidade para compreender a relação dos outros corpos humanos com os corpos-coisas e para pensar a penetração a distância dos sensíveis: “As coisas como sendo aquilo que falta ao meu corpo” (MERLEAU-PONTY, 2000, p.352). Desse modo, a corporeidade é formada ou completada pelo corpo do outro, ou seja, é uma intercorporeidade, uma co-percepção do mundo

de dimensão libidinal do esquema corporal que mobiliza o desejo e o simbolismo do corpo, na qual a inteligibilidade se manifesta também na reflexibilidade do corpo e suas sensações, como o tocar: a mão que toca a outro, tocar o próprio corpo, tocar o outro, tocar a própria terra... quando toco também sou tocado pelo mundo. Essa ação corpórea configura-se como emblema de co-percepção entre corpos. Não se trata mais do espetáculo da percepção, mas sim o perceber em movimento.

Pomo-nos a perceber em movimento e deixamo-nos afetar pelo corpo do outro, como na obra de Marina Abramovic: demos atenção a reflexibilidade do nosso corpo em transubstanciação no outro e para isso operamos o mergulho mediado por dispositivos de imersão.

O perceber em movimento aqui é pensando como um mergulho. Para Andrieu (2014) a arte de mergulhar no corpo exige dispositivos imersivos e os dispositivos podem ser: um lugar, uma instância, um meio, como por exemplo, um museu ou um espetáculo, no qual a eficácia performativa é suficiente para produzir um efeito inédito no corpo. No caso da nossa escrita performativa, apreciamos como dispositivos textos, imagens, vídeos e noções filosóficas, preferindo denominá-las de corpositivos, pois consideramos a relação de intercorporeidade do corpo humano com esses corpos-coisas.

No mergulho não buscamos mais descrever a obra, mas viver a própria obra como onipresença do corpo, estando aqui e lá ao mesmo tempo, visto que a visão nos dá a saber que seres diferentes existem absolutamente juntos e em simultaneidade. O olhar para os corpositivos nos ensina sobre a nossa capacidade de onipresença. Merleau-Ponty diz:

É preciso tomar ao pé da letra o que nos ensina a visão: que tocamos o sol, as estrelas, estamos ao mesmo tempo em toda parte, tão perto dos lugares distante quanto das coisas próximas, e que mesmo nosso poder de nos imaginarmos-nos alhures – ‘Estou em Petersburgo em minha cama, em Paris, meus olhos veem o sol’ –, de visarmos livremente, onde reemprega meios que obtemos dela. Somente ela nos ensina que seres diferentes, ‘exteriores’, alheios um ao outro, existem, no entanto, absolutamente juntos, em ‘simultaneidade’ (2004, p. 43).

Exercitamos este estar “em toda parte” como a capacidade de onipresença do corpo, capaz de criar uma linguagem que busque expressar essa sensação. Expressão da imersão como ato de comunicação que inaugura um modo performativo da escrita, no qual deixamos emergir na cartografia do visível o imaginário das composição de cenários, das reinvenção de relações corpóreas e dos entrelaçamentos das palavras surgidas do quiasma da carne do corpo com o corpositivo da obra de arte. Trata-se de um outro modo de olhar e dizer de uma obra, no qual visão e elocução emergem da performance mesmo. Não é, portanto, mais uma descrição do que vejo nas imagens, nos textos ou nos ví-

deos da performance de Abramovic, mas sim a expressão em linguagem das sensações que esses corpositivos provocam. É também expressão da maneira como os corpositivos nos interpelam e nos fazem sentir, pensar e agir... Aqui todos os deslocamentos do corpo figuram na paisagem e manifestam a fórmula carnal que a performance de Marina nos suscita, produzindo uma espécie de recruzamento de corpos que rompe o silêncio e institui a palavra-gesto. Permite, também, contar sobre as reversibilidades das coisas, das transubstanciações do outro e do mundo, pois ao oferecer seu corpo ao mundo, Marina Abramovic transforma o mundo em performance.

Nossa escrita performativa é uma escrita de transubstanciação nas coisas do mundo da obra *Rhythm 0*, é um entrelaçamento do corpo no mundo, para tanto tomamos como referência a noção de corpo de Merleau-Ponty:

Um corpo humano está aí quando, entre vidente e visível, entre tocante e tocado, entre um olho e o outro, entre a mão e a mão se produz uma espécie de recruzamento, quando se acende a faísca do senciente-sensível, quando se inflama o que não cessará de queimar, até que um acidente do corpo desfaça o que nenhum acidente teria bastado para fazer... (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 18).

Arriscamos o sentir da obra de Marina Abramovic e nos transportamos no tempo e no espaço para aquele pequeno estúdio em Nápoles sem perdermos o aqui: fomos para lá, mergulhamos nas sensações daquelas pessoas que observamos nos corpositivos imagéticos e sonoros, fizemos dela a nossa corporeidade e, a partir da reversibilidade e empatia, despertamos em nosso corpo estesiológico o sentir com o outro. Corremos o risco do sentir mesmo para explorar os poderes do corpo em performance.

Nos cursos da natureza, a noção de estesiologia passa a figurar nas reflexões de Merleau-Ponty sobre o sensível e representa uma virada filosófica em seu pensamento, visto que ele desloca seu olhar perceptivo, realizado entre o sujeito e o objeto do conhecimento, para a expressão do corpo ontológico. Nóbrega (2015, p. 285) explica que o corpo estesiológico, como pensado na obra de Merleau-Ponty, em seu movimento de pensamento e de expressão filosófica “é o corpo das sensações e dos afetos, é entrecruzamento de desejos e sensações, é também um quiasma, um entrelaçamento, uma inerência do corpo no mundo, é espaço e tempo como presença”.

As noções de estesiologia e de emersiologia como conhecimento do corpo e das suas sensações despertou para o potencial da escrita para além da descrição do fenômeno, uma escrita da filosofia em performance, por isso nomeamos de escrita performativa. Desse modo, tomamos aquele momento como o presente e nos dedicamos a uma escrita do corpo, escrita como modo de ser no mundo e como discurso poético anunciado por Zumthor (2018, p. 71), na qual “o corpo é ao mesmo tempo o corpo o ponto de partida, o ponto de origem e o referente do discurso”, visto que “o texto poético *significa* o mundo”.

Assim, também buscamos provocar outras leituras, pois pelo meu corpo sou capaz de despertar corpos associados.

“EuCorpoCadáverVivo” é uma escrita performativa de um corpo que deseja, de um corpo que deixou emergir as sensações mais profundas em uma escrita reversível. Dessa maneira, colocamo-nos em performance o tempo todo, como escritor e leitor, esperando que a recepção dessa escrita performativa se dê instalada na presença, na simultaneidade, na inerência e na intercorporeidade. Buscamos também provocar no leitor um mergulho no corpo vivo. Esperamos que você leitor performe conosco, que mergulhe no mundo ao invés de dominá-lo, sentindo os poderes do corpo, seus afetos e vibrações na reversibilidade, intercorporeidade e transsubstanciações da performance *Rhythm 0* de Marina Abramovic.

Sala das referências

AGAMBEN, Giorgio. **A comunidade que vem**. Lisboa, Portugal: Editorial Presença 1993.

_____. **Homo sacer**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

ANDRIEU, Bernard. A emersão do corpo vivo através da consciência: uma ecologização do corpo. **Holos**. Natal, v. 30 n. 05, 03-11, 2014.

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. Trad. Mario Laranjeira. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BREA, José Luis. **Las três eras de la imagen: imagen-matéria, film, e-imagen**. Ediciones Akal S.A.: Madri, Espanha, 2010.

DELEUZE, Guilles e GUATTARI, Gilles. **O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Ed.34, 2010.

DELEUZE, Guilles e GUATTARI, Gilles. **O que é filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
ESPINOSA, BARUCH. **Ética: Demonstração a maneira dos Geômetras**. In Pensadores Espinosa Vida e Obra. Abril S.A: São Paulo, 1983, pp.69-299.

FOUCAULT, Michel. O Anti-Édipo: uma introdução à vida não fascista. In. **Cadernos de subjetividade/Núcleo de Estudos e Pesquisa de Subjetividade do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica**. PUC-USP. V.1, n.1: São Paulo, 1993, pp.197-200.

LINS, Daniel. **Estética como Acontecimento – o corpo sem órgãos**. São Paulo: Lumme Editor, 2012.

GROYS, Boris. **Arte e Poder**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.

GROYS, Boris. A Genealogy of participatory art. **The Art of Participation 1950 to now**. Catalogue São Francisco Museum of Modern Art: São Francisco, California: 2008, pp.18-31.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **A Natureza**. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. **O olho e o espírito**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

_____. **O visível e o invisível**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia. Uma estesiologia do corpo... In: **Estesia: corpo e fenomenologia em movimento**. Nóbrega, Terezinha Petrucia (org.). São Paulo: LiberArts, 2018.

_____. **Sentir a dança ou quando o corpo se põe a dançar...** Natal: IFRN, 2015.

_____. Dar-se em vertigem: uma filosofia do corpo e de suas sensações. **Holos**. Natal, v. 30 n. 05, 402-405, 2014.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: estática e política**. São Paulo: Ed. 34. 2005.

VIVIAN, Ilse Maria da Rosa. Barthes e a escritura: a leitura e proposição existencial. **Revista Língua & Literatura**, v. 17, n. 29, 23-34, 2015.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

Sites consultados

Artista divulga fotos de experimento em 1975 e choca pela semelhança com a violência nos dias atuais. Disponível em [Acesso em 21/04/2019]: <<https://jc.ne10.uol.com.br/blogs/oviral/2017/04/20/artista-divulga-fotos-de-experimento-de-1975-e-choca-pela-semelhanca-com-violencia-dos-dias-atuais/>>

Luhu Editorial. **Quién es Marina Abramovic**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/luhueditorial/videos/1391699580962187/>> [Acesso em 21/04/2019].

Marina Abramovic Institute. Disponível em <<https://mai.art/>> [Acesso em 21/04/2019].

Marina Abramovic: about **Rhythm 0 and Pentagram**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=o-h715UyhWw>> [Acesso em 21/04/2019].

Marina Abramovic: **on performing “Rhythm 0”** (1974). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?time_continue=10&v=xTBkbseXfOQ&has_verified=1> [Acesso em 21/04/2019].

Marina Abramovic tumblr: <<https://m-abramovic.tumblr.com/post/121177426334/rhythm-0-marina-abramovi%C4%87-1974-naples>>

MOLINO, Robson. **A Maldade Humana**. A artista Marina Abramovic deixou que usassem o seu corpo por 6 horas e a reação das pessoas é de assustar qualquer irracional-animal. Disponível em: <<https://www.facebook.com/robson.molino.2/videos/2140769305964176/>> [Acesso em 21/04/2019].

Obra De Arte Da Semana: **Performance “Ritmo 0” de Marina Abramović**. Disponível em <<https://artrianon.com/2017/10/10/obra-de-arte-da-semana-performance-ritmo-0-de-marina-abramovic/>> [Acesso em 21/04/2019].

Relembre: A performance artística perturbadora de Marina Abramović. Disponível em: <<https://home.naoacredito.com.br/marina-abramovic/>> [Acesso em 21/04/2019].